

OLIVER SACKS

TUDO EM SEU LUGAR

Primeiros amores e últimas histórias

Tradução

LAURA TEIXEIRA MOTTA



As virtudes esquecidas do asilo

A VIDA CONTINUA

Tem alguém aí?

Clupeofilia

De volta a Colorado Springs

Botânicos na Park

Saudações da Ilha da Estabilidade

Letras miúdas

A marcha do elefante

Orangotango

Por que precisamos de jardins

A noite do ginkgo

Peixe de filtro

A vida continua

Bibliografia

Permissões e agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

PRIMEIROS AMORES

FILHOTES DA ÁGUA

Éramos uns peixinhos, meus três irmãos e eu. Nosso pai, que era campeão de natação (venceu a competição de 24 quilômetros na costa da ilha de Wight por três anos seguidos) e amava nadar mais do que qualquer outra coisa, nos apresentou à água antes mesmo de completarmos uma semana de vida. Nadar é instintivo nessa idade, por isso, para o bem ou para o mal, nunca “aprendemos” a nadar.

Lembrei disso quando estive nas ilhas Carolinas, na Micronésia, onde vi criancinhas que mal tinham aprendido a andar mergulhando sem medo nas lagunas e nadando, previsivelmente, no estilo cachorrinho. Lá todo mundo nada — não existe isso de “não saber nadar” — e é competente na água. Magalhães e outros navegadores que chegaram à Micronésia no século XVI ficaram pasmos com essas habilidades, e depois de observar como os ilhéus nadavam, mergulhavam e pulavam uma onda depois da outra, só lhes restou compará-los a golfinhos. As crianças, em especial, se mostravam tão à vontade na água que, nas palavras de um explorador, pareciam “mais peixes do que seres humanos”. (Foi com os habitantes das ilhas do Pacífico que, no começo do século XX, nós, ocidentais, aprendemos o estilo crawl, o belo, potente nado oceânico que eles haviam aperfeiçoado — tão melhor, tão mais apropriado à forma humana do que o ranídeo nado de peito praticado até então.)

Quanto a mim, não tenho nenhuma lembrança de ter sido ensinado a nadar; aprendi minhas braçadas nadando com meu pai, acho —

embora as braçadas dele, lentas, calculadas, devoradoras de quilômetros (era um homem robusto de quase 115 quilos) não fossem lá muito apropriadas a um menino. Acontece que eu via como aquele homem velho, grandalhão e desajeitado em terra firme, se transformava na água, gracioso como um boto; e eu, acanhado, receoso e também bastante desajeitado, encontrava em mim a mesma deliciosa transformação, encontrava na água um novo ser, um novo modo de ser. Tenho a nítida lembrança de umas férias de verão no litoral da Inglaterra no mês seguinte ao meu quinto aniversário, quando irrompi no quarto dos meus pais e puxei com força aquela massa em forma de baleia. “Vamos, papai! Vamos nadar!”, falei. Ele se virou devagar e abriu um olho. “Que história é essa, acordar um velho de 43 anos às seis da manhã?” Agora que meu pai está morto e tenho quase o dobro da idade que ele tinha então, sou tomado por essa recordação de tanto tempo atrás, que me dá vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

A adolescência foi uma época ruim. Desenvolvi uma doença estranha na pele: “eritema anular centrífugo”, disse um especialista; “eritema girato”, disse outro — palavras bonitas, sonoras, empoladas, mas nenhum dos especialistas podia fazer nada, e eu ali, coberto de feridas aquosas. Parecia um leproso, ou pelo menos me sentia como um — não ousava tirar a roupa na praia ou na piscina, e só às vezes, com sorte, conseguia encontrar um lago ou lagoa remotos.

Em Oxford minha pele melhorou de repente, e a sensação de alívio foi tamanha que eu queria nadar nu, sentir a água passar sem obstáculos por todo o corpo. Às vezes ia nadar em Parsons’s Pleasure, uma curva do rio Cherwell, local que desde os anos 1680 ou antes era reservado a nudistas e parecia frequentado pelos fantasmas de Swinburne e Clough.¹ No verão, algumas tardes eu embarcava numa pequena chalupa e seguia pelo Cherwell; encontrava um trecho seguro

para ancorar e ficava nadando sossegado pelo resto do dia. Às vezes, à noite, saía para uma longa corrida pela trilha que margeia o Isis e passava por Iffley Lock,² muito além dos limites da cidade. Então mergulhava e nadava até que o rio e eu parecêssemos flutuar juntos; éramos um só.

Nadar passou a ser uma paixão absoluta em Oxford, e depois não teve mais volta. Quando cheguei a Nova York, em meados dos anos 1960, comecei a nadar na praia de Orchard, no Bronx, e às vezes fazia o circuito até City Island — um percurso de várias horas. E foi assim, aliás, que encontrei a casa onde morei por vinte anos: lá pelo meio do trajeto, parei para contemplar um gracioso gazebo na margem, saí da água e fui passear pelo caminho; vi uma casinha vermelha à venda, entrei (pingando) para conhecê-la — acompanhado pelos proprietários confusos —, continuei a pé até a imobiliária e convenci a corretora que eu estava de fato interessado (ela não estava habituada a clientes em traje de banho); voltei para a água do outro lado da ilha e nadei de volta até a praia de Orchard, tendo comprado uma casa entre uma braçada e outra.

Eu costumava nadar ao ar livre — tinha mais vigor naquela época — de abril a novembro, mas no inverno ia para a ACM local. Em 1976-7 fui eleito o Melhor Nadador de Longa Distância da ACM de Mount Vernon, em Westchester: atravessei a piscina quinhentas vezes na competição — 9,6 quilômetros — e teria continuado, até que os juízes disseram: “Chega! Por favor, vá para casa”.

Alguns poderiam pensar que atravessar quinhentas vezes uma piscina é monótono, maçante, mas para mim nadar nunca foi monótono nem maçante. Nadar me traz uma espécie de alegria, uma sensação de bem-estar tão extrema que às vezes sinto uma espécie de êxtase. No ato de nadar há um envolvimento total, em cada braçada, e ao mesmo tempo a mente pode flutuar livre, num estado de

encantamento, como em transe. Nunca experimentei coisa tão poderosa, tão saudavelmente euforizante — e sou viciado, fico irritadiço quando não posso nadar.

Duns Scotus, no século XIII, falava em “*condelectari sibi*”, a vontade que se deleita com seu próprio exercício, e Mihaly Csikszentmihalyi, nosso contemporâneo, fala em “estado de fluxo” [*flow*]. Há uma adequação fundamental no nado, como em todas as atividades fluidas e, por assim dizer, *musicais*. E há também o encanto de boiar, de estar suspenso nesse meio denso e transparente que nos sustenta e nos envolve. Podemos nos mover na água, brincar com ela de um jeito que não encontra paralelo em terra. Podemos explorar sua dinâmica, seu fluxo, de um modo ou de outro; girar as mãos como hélices ou direcioná-las como pequenos lemes; podemos nos transformar em um pequeno hidroavião ou submarino, investigar com o próprio corpo a física da flutuação.

Além disso, há todo o simbolismo do nadar — suas ressonâncias na imaginação, seus potenciais míticos.

Meu pai dizia que nadar era “o elixir da vida”, e com certeza para ele era mesmo: ele nadou todos os dias, só desacelerou um pouco no decorrer do tempo, até a digna idade de 94 anos. Tomara eu possa fazer como ele e nadar até morrer.

1. Algernon Charles Swinburne (1837-1909) e Arthur Hugh Clough (1819-61), poetas e acadêmicos oxfordianos da era vitoriana. O rio Cherwell banha a área dos *colleges* de Oxford. (N. T.)

2. Isis é um nome alternativo do rio Tâmis, usado principalmente na região de Oxford; Iffley Lock é uma comporta desse mesmo rio na altura do vilarejo de Iffley, na orla sul de Oxford. (N. T.)

RECORDAÇÕES DE SOUTH KENSINGTON

Adoro museus desde que me conheço por gente. Eles têm um papel fundamental na minha vida, estimulam a imaginação e me apresentam a ordem do mundo de um modo cristalino e concreto, porém organizado, em miniatura. Adoro jardins botânicos e zoológicos pela mesma razão: mostram a natureza, mas uma natureza classificada, a taxonomia da vida. Os livros não são reais nesse sentido, são apenas palavras. Museus são arranjos do real, exemplares da natureza.

Os quatro magníficos museus de South Kensington — todos no mesmo terreno e construídos no ornamentado estilo alto vitoriano — foram concebidos como uma unidade multifacetada, de modo a tornar públicas e acessíveis a história natural, a ciência e o estudo das culturas humanas.

Os museus de South Kensington — juntamente com a Royal Institution e suas populares Christmas Lectures — constituíram uma instituição educacional vitoriana incomparável. Para mim ainda representam, como na infância, a essência do que chamamos de museu.

Havia o Museu de História Natural, o Museu de Geologia, o Museu de Ciência e o Museu Victoria e Albert, dedicado à história da cultura. Eu era um aficionado da ciência e nunca ia ao V&A, já os outros três eram, para mim, um museu único, que eu visitava constantemente, em tardes livres, nos fins de semana, nas férias, sempre que podia. Ficava chateado por ter de sair quando eles iam fechar, e uma noite dei um

jeito de permanecer no Museu de História Natural: na hora de fechar, eu me escondi na Galeria de Invertebrados Fósseis (não tão bem guardada quanto a Galeria dos Dinossauros ou a das Baleias) e passei uma noite encantada sozinho no museu, perambulando de galeria em galeria com uma lanterna. Animais que eu conhecia muito bem se tornaram temíveis, sinistros durante aquela ronda noturna; suas feições assomavam de súbito na escuridão ou pairavam fantasmagóricas no halo da luz da lanterna. O museu, sem iluminação, era um lugar assombroso, e não fiquei nem um pouco aborrecido quando amanheceu.

Eu tinha vários amigos no Museu de História Natural — o *Cacops* e o *Eryops*, gigantescos anfíbios fósseis com um orifício no crânio para um terceiro olho, o pineal; a cubomedusa *Carybdea*, o animal mais inferior dotado de gânglios nervosos e olhos; os belos modelos em vidro soprado de *Radiolaria* e *Heliozoa*; o meu grande amor, no entanto, minha paixão especial, eram os cefalópodes, agrupados numa coleção magnífica.

Eu passava horas contemplando as lulas: a *Sthenoteuthis caroli*, encalhada na costa de Yorkshire em 1925, ou a exótica *Vampyroteuthis*, preta como fuligem (apenas um modelo em cera, infelizmente), uma rara forma abissal com uma membrana em feitiço de guarda-chuva entre os tentáculos, com dobras cravejadas de estrelas brilhantes e luminosas. E, claro, a *Architeuthis*, a rainha das lulas-gigantes, enlaçada em um abraço mortal com uma baleia.

Mas não eram apenas os gigantes, os exóticos, que me chamavam a atenção. Eu adorava, sobretudo nas galerias de insetos e moluscos, abrir as gavetas sob as vitrines para ver todas as variedades, as particularidades de uma única espécie ou concha, e notar que cada uma tinha sua própria localização geográfica privilegiada. Eu não podia fazer como Darwin e ir às Galápagos para comparar os

tentilhões de cada ilha, mas podia fazer a segunda melhor coisa bem ali, no museu: podia ser um naturalista vicário, um viajante imaginário com bilhete para percorrer o mundo todo sem sair de South Kensington.

Depois que os funcionários passaram a me conhecer, às vezes eles destrancavam uma porta maciça e me deixavam entrar no reino privado do novo Spirit Building,¹ onde acontecia o verdadeiro trabalho do museu: receber e classificar espécimes de todas as partes do mundo, examiná-los, dissecá-los, identificar novas espécies — e, às vezes, prepará-los para exposições especiais. (Um desses espécimes era o celacanto, o então recém-descoberto “fóssil vivo” do peixe *Latimeria*, supostamente extinto desde o Cretáceo.) Passei incontáveis dias no Spirit Building antes do início das aulas em Oxford; meu amigo Eric Korn ficou um ano inteiro. Naquele tempo éramos apaixonados por taxonomia — no fundo, éramos naturalistas vitorianos.

Adorava o antiquado ambiente de vidro e mogno do museu e fiquei furioso quando, nos meus tempos de universidade nos anos 1950, ele ficou todo moderno e berrante e passou a receber exposições badaladas (no fim, acabou sendo até interativo). Jonathan Miller sentiu a mesma repulsa e a mesma nostalgia: “Eu suspiro pela era dos tons sépia”, ele me escreveu. “Passo a vida desejando que aquele lugar mergulhe subitamente na monocromia arenosa de 1876.”

Do lado de fora do Museu de História Natural havia um jardim aprazível dominado por troncos de sigilária, uma árvore fóssil extinta há muito tempo, e uma miscelânea de calamitas. Eu era fascinado por aquilo, pela botânica fóssil, com uma intensidade quase dolorosa; se Jonathan ansiava pela monocromia arenosa de 1876, eu queria a monocromia verde, a floresta de samambaias e cicadáceas do Jurássico. Na adolescência, chegava a sonhar com licopódios gigantes

e cavalinhas arbóreas, florestas primevas de gimnospermas enormes envolvendo o planeta — e acordava bravo ao pensar que elas já tinham desaparecido havia muito tempo e que o mundo tinha sido tomado por modernas plantas floríferas de cores vistosas.

Nem cem metros separavam o jardim jurássico fóssil do Museu de História Natural e do Museu de Geologia, que vivia quase deserto, até onde me era dado perceber. (Infelizmente esse museu não existe mais; seu acervo foi incorporado ao Museu de História Natural.) O Museu de Geologia estava abarrotado de tesouros especiais, prazeres secretos para o olhar conhecedor e paciente. Havia um cristal gigante de sulfeto de antimônio, estibinita, vindo do Japão; tinha um metro e oitenta de altura, um falo cristalino, um totem, e me fascinava de um modo singular, quase reverencial. Havia um fonólito, mineral sonoro trazido da Torre do Diabo no Wyoming; os guardas do museu, quando me reconheciam, me deixavam bater naquela rocha com a palma da mão para ouvir seu som de gongo, abafado, mas reverberante, como quando se bate na caixa de ressonância de um piano.

Eu adorava a sensação que aquele lugar me provocava, de existir um mundo não vivo — a beleza dos cristais, a noção de que eles eram feitos de arranjos atômicos idênticos, perfeitos. Mas, além da perfeição e, por assim dizer, da encarnação da matemática, eles também me provocavam com sua beleza sensual. Eu passava horas observando pálidos cristais amarelos de enxofre e cristais lilases de fluorita — aglomerados, com jeito de pedras preciosas, como uma visão provocada por mescalina — e, no outro extremo, as estranhas formas “orgânicas” de hematita reniforme, parecidas com rins de animais gigantes a tal ponto que por um momento chegava a me perguntar em que museu eu estava.

Mas por fim sempre voltava ao Museu de Ciência, pois ele era o primeiro que eu havia visitado. Quando eu era pequeno, mesmo antes da guerra, minha mãe às vezes me levava lá com meus irmãos. Caminhávamos pelas galerias mágicas — os primeiros aviões, as máquinas dinossáuricas da Revolução Industrial, as velhas engenhocas ópticas — até chegar a uma menor no andar mais alto, onde havia uma reconstituição de uma mina de carvão com o equipamento original. “Olhem!”, ela dizia. “Olhem lá!” E apontava para uma velha lâmpada de mina. “Meu pai, avô de vocês, inventou isso!” E nós baixávamos a cabeça e líamos: “Lâmpada de Landau, inventada por Marcus Landau em 1869. Substituiu a lâmpada de Humphry Davy”. Toda vez que eu lia isso, ficava curiosamente eletrizado, era invadido pela sensação de ter um vínculo especial com o museu e com meu avô (nascido em 1837 e morto fazia muito tempo), a sensação de que ele e seu invento ainda eram, de algum modo, reais e vivos.

Mas a verdadeira epifania aconteceu no Museu de Ciência quando eu tinha dez anos e descobri a tabela periódica no quinto andar — não uma dessas antipáticas espiraizinhas modernas e elegantes, e sim uma sólida tabela retangular que cobria toda uma parede, com cubículos separados para cada elemento e os elementos de verdade, sempre que possível, em seus lugares: cloro, amarelo-esverdeado; bromo, marrom e volátil; cristais de iodo pretíssimos (mas com vapor violeta); pepitas pesadas, muito pesadas, de urânio; e bolinhas de lítio flutuando em óleo. Incluíam até os gases inertes (ou gases “nobres”, nobres demais para se combinarem): hélio, neônio, argônio, criptônio, xenônio (mas não radônio — acho que era muito perigoso). Eles eram invisíveis, obviamente, dentro de seus tubos de vidro lacrados, mas a gente sabia que estavam lá.

A presença concreta dos elementos reforçava a sensação de que aqueles eram realmente os elementos constituintes do universo, de que o universo inteiro estava ali, em microcosmo, em South Kensington. Quando via a tabela periódica, eu era dominado pelo sentimento da Verdade e da Beleza — não me parecia uma elaboração humana banal, arbitrária, mas uma verdadeira visão da ordem cósmica eterna; não importava quais fossem as descobertas e avanços futuros, não importava o que pudessem acrescentar, eles só reforçariam, reafirmariam a verdade daquela ordem.

Esse sentimento da grandiosidade, da imutabilidade das leis da natureza, e de como elas talvez se mostrassem compreensíveis para nós se as buscássemos o suficiente — esse sentimento se apossou inelutavelmente de mim quando eu era um menino de dez anos, diante da tabela periódica no Museu de Ciência de South Kensington. Ele nunca me deixou e, cinquenta anos depois, não perdeu o brilho, continua o mesmo. Minha fé e minha vida foram definidas naquele momento; meu Pisga, meu Sinai surgiram em um museu.

1. Apelido da ala do museu onde os espécimes são conservados em álcool (em inglês, *spirit*). (N. T.)

PRIMEIRO AMOR

Em janeiro de 1946, quando eu tinha doze anos e meio, mudei da escola preparatória The Hall, em Hampstead, para uma muito maior, a St. Paul's, em Hammersmith. Foi lá, na Biblioteca Walker, que conheci Jonathan Miller. Eu estava escondido num canto, com um livro do século XIX sobre eletrostática — lendo, por algum motivo, sobre “ovos elétricos” —, quando uma sombra cobriu a página. Olhei para cima e vi um garoto espantosamente alto, desengonçado, com um rosto muito expressivo, olhos vivos e travessos e uma exuberante cabeleira ruiva. Começamos a conversar, e somos grandes amigos desde então.

Antes dessa época eu só havia tido um único amigo de verdade, Eric Korn, que conheço quase desde que nasci. Eric também se mudou da Hall para a St. Paul's um ano depois, e então ele, Jonathan e eu formamos um trio inseparável, ligados por laços não só pessoais, mas também familiares (nossos pais, trinta anos antes, haviam estudado medicina juntos, e nossas famílias eram amigas). Jonathan e Eric não eram tão vidrados em química como eu — embora um ou dois anos antes tivessem me acompanhado em um experimento químico extravagante: jogamos na lagoa de Highgate, em Hampstead Heath, um pedaço grande de sódio metálico e observamos eletrizados enquanto ele se incendiava e girava em disparada pela superfície como um meteoro maluco, seguido por uma enorme esteira de chamas amarelas. No entanto, os dois tinham imenso interesse por biologia, e

era inevitável que, chegada a hora, nos encontrássemos na mesma turma dessa matéria e todos nos apaixonássemos por nosso professor, Sid Pask.

Pask era um mestre esplêndido. E também intolerante, intransigente, amaldiçoado com uma gagueira horrorosa (que não cansávamos de imitar) e nem de longe muito brilhante. Usava de dissuasão, ironia, ridicularização ou força para nos afastar de todas as outras atividades — esporte e sexo, religião e família e todas as outras disciplinas da escola. Exigia que fôssemos tão focados quanto ele.

A maioria dos alunos o julgava um feitor incrivelmente autoritário e implacável. Faziam de tudo para escapar do que consideravam sua tirania mesquinha e pernóstica. A luta prosseguia por algum tempo e então, de repente, a resistência desaparecia — eles ficavam livres. Pask parava de criticá-los, não fazia mais exigências bizarras sobre o tempo e a energia dos garotos.

Mas alguns de nós, a cada ano, aceitávamos o desafio de Pask. Em troca, ele nos dava tudo de si — todo o seu tempo, sua dedicação, em nome da biologia. Ficávamos com ele até tarde da noite no Museu de História Natural. Sacrificávamos todos os fins de semana em expedições para coletar plantas. Acordávamos de madrugada em gélidos dias de janeiro para assistir a seu curso sobre água doce. E uma vez por ano — essa lembrança ainda tem uma doçura quase insuportável — íamos com ele a Millport para três semanas de biologia marinha.

Millport, na costa oeste da Escócia, tinha um posto de biologia marinha muito bem equipado, onde sempre éramos recebidos calorosamente e apresentados a quaisquer experimentos que estivessem em curso. (Na época, estavam sendo feitas observações fundamentais sobre o desenvolvimento de ouriços-do-mar, e lorde Rothschild, então às voltas com seus experimentos — que mais tarde

ficariam famosos — sobre a fertilização desses animais, demonstrava paciência infinita com os entusiasmados alunos que se amontoavam em volta de suas placas de Petri contendo plúteos, as larvas transparentes dos ouriços-do-mar.) Jonathan, Eric e eu fazíamos vários cortes transversais de rochas litorâneas e contávamos todos os animais e algas-marinhas em sucessivas porções de quase um metro quadrado, desde o topo coberto de líquens da rocha (*Xanthoria parietina* era o eufônico nome do líquen) até a beira-mar e as poças de maré lá embaixo. Eric era bastante espirituoso e engenhoso, e em certa ocasião, quando precisávamos usar um fio de prumo para obter uma vertical perfeita, mas não sabíamos como suspendê-lo, ele arrancou uma lapa da base da rocha, ajustou a ponta do fio de prumo por baixo do pequeno molusco e o pregou com firmeza no topo, como uma tachinha natural.

Cada um de nós adotou grupos zoológicos específicos: Eric se enamorou dos pepinos-do-mar, as holotúrias; Jonathan, dos poliquetas, vermes iridescentes eriçados de cerdas; e eu, das lulas e sibas, dos polvos, de todos os cefalópodes — os mais inteligentes e, na minha opinião, mais belos dos invertebrados. Um dia fomos para a beira-mar em Hythe, no condado de Kent, onde os pais de Jonathan haviam alugado uma casa para as férias de verão, e passamos o dia pescando em uma traineira comercial. Os pescadores em geral descartavam as sibas que caíam nas redes (não eram muito apreciadas na culinária inglesa). Mas eu, obsessivo, pedi a eles que as separassem para mim, e devia haver dezenas delas no convés quando lá chegamos. Transportamos todas para casa em baldes e cubas e as guardamos em grandes frascos no porão, com um pouco de álcool para preservá-las. Os pais de Jonathan estavam fora, por isso não hesitamos. Depois poderíamos levar aquele montão de sibas para a escola, para Pask — já imaginávamos seu sorriso espantado quando

entrássemos com elas —, e haveria uma siba para cada aluno da classe dissecar, duas ou três para os fãs de cefalópodes. Eu faria uma pequena palestra sobre elas no Field Club, discorreria profusamente sobre sua inteligência, seu cérebro grande, seus olhos com retinas eretas, suas rápidas mudanças de cor.

Alguns dias depois, na data em que os pais de Jonathan deveriam voltar, ouvimos uns baques vindos do porão; descemos para ver o que era e deparamos com uma cena grotesca: as sibas, mal preservadas, tinham apodrecido e fermentado, e os gases produzidos tinham explodido os frascos e arremessado nacos de siba pelas paredes e pelo piso; até no teto havia estilhaços de siba. O fedor da putrefação era pavoroso, um troço inimaginável. Fizemos o possível para remover os pedaços de siba que explodiram e com o impacto grudaram nas paredes. Lavamos o porão com mangueira, nauseados, mas a fedentina não saía e, quando abrimos janelas e portas para arejar o local, o fedor se alastrou casa afora como um miasma e empestou o ar num raio de quase cinquenta metros.

Eric, sempre engenhoso, sugeriu mascarar o cheiro, ou substituí-lo por um outro ainda mais forte, porém agradável — essência de coco, decidimos, daria conta do recado. Fizemos uma vaquinha e compramos um grande frasco da essência; lavamos o porão com aquele líquido, que depois espalhamos generosamente pelo resto da casa e do terreno.

Os pais de Jonathan retornaram uma hora mais tarde. Quando se aproximaram da casa, sentiram um cheiro fortíssimo de coco. Mas, ao chegarem mais perto, atingiram uma zona dominada pelo fartum de siba decomposta — os dois odores, os dois vapores, por alguma razão curiosa, tinham se organizado em zonas alternadas de uns dois metros de extensão cada. Quando se viram na cena do nosso acidente, ou crime, não conseguiram suportar o bodum por mais de alguns

*image
not
available*

XIX; apaixonado, talvez, mais do que tudo, pela Royal Institution, que ainda tinha em boa parte a mesma aparência e o mesmo cheiro de quando o jovem Humphry Davy ali trabalhou, e onde eu podia folhear e estudar diretamente os cadernos, manuscritos, anotações de laboratório e cartas daquele meu herói.

Davy é um assunto esplêndido para um biógrafo, como observa Knight, e neste último século e meio foram lançadas muitas biografias dele. Mas Knight — com formação em química, professor de história e filosofia da ciência em Durham e ex-editor do *British Journal for the History of Science* — produziu uma obra não apenas grandiosa e erudita, mas também rica em percepção humana e compreensão.

Davy nasceu em 1778 em Penzance, o primogênito de cinco filhos de um gravador e xilógrafo. Estudou num liceu perto de casa e aproveitou aquela liberdade. (“Considero uma sorte ter sido deixado quase por conta própria quando criança, sem me direcionarem para algum plano de estudo específico”, ele comentou.) Saiu da escola aos dezesseis anos e foi ser aprendiz de um cirurgião-apotecário da região, mas entediava-se e aspirava a algo maior. A química, acima de tudo, o atraía: ele leu e dominou o extraordinário *Tratado elementar de química*, de Lavoisier (1789), uma façanha e tanto para um rapaz de dezoito anos com pouca educação formal. Visões grandiosas começaram a lhe rondar a mente: será que ele poderia se tornar o novo Lavoisier, talvez o novo Newton? Um de seus cadernos dessa época era etiquetado “Newton e Davy”.

Contudo, de certo modo, não foi tanto com Newton e sim com o amigo e contemporâneo deste, Robert Boyle, que Davy mostrou afinidades. Se Newton fundou uma nova física, Boyle fundou a igualmente nova ciência da química e a desatrelou de seus precursores alquimistas. Foi Boyle, em seu *The Sceptical Chymist* [O químico cético], de 1661, que descartou os metafísicos quatro elementos da

*image
not
available*

Esses avanços brilhantes chamaram a atenção na capital, e naquele mesmo ano Davy foi convidado para trabalhar na recém-fundada Royal Institution em Londres. Ele, que sempre fora eloquente, um contador de histórias nato, transformou-se no mais famoso e influente conferencista da Inglaterra, atraindo multidões que congestionavam as ruas toda vez que ele se apresentava. Suas conferências incluíam desde os detalhes mais ínfimos de seus experimentos — quando as lemos, temos uma ideia cristalina do trabalho em andamento, da atividade de uma mente extraordinária — até especulações sobre o universo e a vida; eram proferidas em um estilo e com uma riqueza de linguagem que ninguém conseguia igualar.

Sua conferência inaugural fascinou muitas pessoas, entre elas Mary Shelley. Anos depois, em *Frankenstein*, Shelley seguiria de perto as palavras de Davy ao elaborar a palestra do professor Waldman sobre química. (Em especial quando, ao falar sobre eletricidade galvânica, Davy disse que “foi descoberta uma nova influência que permite ao homem produzir, a partir de combinações de matéria morta, efeitos que anteriormente só eram ocasionados por órgãos animais”.) E Coleridge, maior palestrante de seu tempo, não perdia as conferências de Davy, não só para abastecer seus cadernos de química, mas “para renovar meu estoque de metáforas”, como ele disse.³

Havia um extraordinário apetite por ciência, em particular pela química, nos primeiros e fecundos tempos da Revolução Industrial; a ciência parecia ser um novo modo, poderoso (e não irreverente), não só de compreender o mundo, mas também de levá-lo a um estado melhor. Essa dupla concepção da ciência encontrou em Davy seu expoente perfeito.

*image
not
available*

Além de ter imenso prestígio entre seus colegas e ser laureado com muitas homenagens científicas, ele era igualmente famoso em meio ao público leigo mais instruído, graças a seu empenho em divulgar a ciência. Gostava de fazer experimentos em público, e suas célebres demonstrações em conferências eram empolgantes, cheias de eloquência, muitíssimo dramáticas e, às vezes, literalmente explosivas. Davy parecia estar na crista de uma grande onda de poder científico e tecnológico, um poder que prometia, ou ameaçava, transformar o mundo. Que homenagem o país poderia prestar a um homem como aquele? Parecia haver apenas uma, embora fosse quase sem precedentes. Em 8 de abril de 1812, Davy foi sagrado cavaleiro pelo príncipe regente: era o primeiro cientista a receber esse título desde Newton em 1705.⁵

David “conduzia suas pesquisas em uma desordem romântica”, diz Knight, “e em grandes arrancadas velozes depois de um período de incubação”. Trabalhava sozinho, em companhia de um auxiliar de laboratório. O primeiro desses assistentes foi seu primo mais novo Edmund Davy; o segundo foi Michael Faraday, cujo relacionamento com Davy seria intenso e complexo, ardorosamente positivo de início, problemático mais tarde. Faraday foi quase um filho para Humphry Davy, “um filho da ciência”, como disse o químico francês Berthollet referindo-se a seu próprio “filho”, Gay-Lussac. Faraday, então com vinte e poucos anos, havia assistido em êxtase às conferências de Davy, que ficou encantado quando o jovem lhe apresentou a transcrição de cada uma de suas palestras, às quais acrescentou excelentes comentários.

Davy hesitou em aceitar Faraday como assistente. O rapaz era uma incógnita: tímido, socialmente inábil, desajeitado, pouco instruído.

*image
not
available*

explosões. Experimentou usar telas de arame e descobriu que as chamas não podiam atravessá-las.⁷ Com o emprego de tubos e telas, as lâmpadas aperfeiçoadas de Davy, testadas em 1816, não só se mostraram seguras, mas, de acordo com a aparência da chama, serviram como indicadores confiáveis da presença de grisú.⁸

Davy nunca buscou ser remunerado pela invenção da lâmpada de segurança, tampouco a patenteou: deu-a de graça ao mundo (em contraste com seu amigo William Hyde Wollaston, que ganhou uma fortuna com a exploração comercial do paládio e da platina).

Foi esse o auge da vida pública de Davy, assim como o auge de sua vida intelectual haviam sido suas pesquisas eletroquímicas. Com a invenção da lâmpada de segurança oferecida aos conterrâneos, a atenção e o reconhecimento do público atingiram novos patamares.

Davy tinha uma dimensão visionária, mística, não evidente em seus contemporâneos (exceto, talvez, em Coleridge e Faraday, que o conheciam tão bem e que também eram, cada qual a seu modo, fenomenais e estranhos), oculta por trás do brilho ofuscante de suas conquistas práticas.

Davy se empenhava em ser um empirista, mas também fazia parte do movimento romântico e de sua *Naturphilosophie*, e assim permaneceu por toda a vida. Não existe necessariamente uma contradição entre a filosofia mística ou transcendente e um modo rigoroso e empírico de fazer experimentos e observações; as duas correntes podem andar juntas, como sem dúvida andaram com Newton. Na juventude, Davy fora fascinado pela filosofia idealista e se beneficiara das arrebatadas traduções que Coleridge fizera de obras de Friedrich Schelling; seu próprio trabalho trouxe a confirmação empírica para algumas das noções de Schelling: que o universo era

*image
not
available*

Depois de concluí-lo, Davy zarpou para a Eslovênia em companhia de seu afilhado John Tobin, último de seus “filhos” científicos. Fora da Inglaterra e de seu clima, que em sua opinião mantinha “o sistema nervoso em um estado de perturbação constante”, Davy talvez tivesse esperança de acolher, avaliar e comunicar seus derradeiros pensamentos: “Busquei e encontrei consolo, e recuperei em parte a saúde após uma doença perigosa [...] Encontrei o espírito da minha visão inicial. [...] A Natureza nunca nos engana; as rochas, as montanhas, os rios sempre falam a mesma língua”.

Depois do último AVC, que se mostraria letal, em fevereiro de 1829, ele ditou esta carta, seu *Nunc Dimittis*: “Estou morrendo de um grave ataque de paralisia que acometeu o corpo inteiro, com exceção do órgão intelectual. [...] Louvo a Deus por ter sido capaz de concluir minha labuta intelectual”.

Observei que Humphry Davy foi um herói para quase todos os garotos da minha geração que se interessavam por química ou ciência. Todos conhecíamos e repetíamos seus famosos experimentos, imaginando-nos no lugar dele. Davy também teve seus companheiros ideais na juventude, em especial Newton e Lavoisier. Newton era para ele uma espécie de Deus, mas o segundo era mais chegado, mais como um pai com quem ele podia conversar, concordar, discordar. Seu primeiro ensaio, publicado por Beddoes, embora questionasse ardorosamente Lavoisier, era, na verdade, um diálogo com Lavoisier. Todos precisamos de figuras assim, desses ideais do ego, e por toda a vida.⁹

Hoje, quando falo com meus amigos mais jovens, descubro consternado que nenhum desses cientistas ouviu falar de Davy, e alguns ficam perplexos quando lhes conto sobre meu interesse. Eles

*image
not
available*

BIBLIOTECAS

Quando eu era criança, meu lugar favorito em casa era a biblioteca, uma sala espaçosa com as quatro paredes revestidas de lambris de carvalho e estantes de livros — e, no centro, uma mesa maciça para escrever e estudar. Era ali que meu pai, estudioso do hebraico, mantinha sua coleção especial de livros; e também todas as peças de Ibsen (ele e minha mãe se conheceram em uma associação de estudantes de medicina fãs de Ibsen); ali, em uma única prateleira, estavam os jovens poetas da geração de meu pai, muitos deles mortos na Primeira Guerra Mundial; e ali, nas prateleiras mais baixas, para que eu os pudesse alcançar com facilidade, ficavam os livros de aventuras e história que pertenciam aos meus três irmãos mais velhos. Foi lá que encontrei *O livro da selva*, de Kipling; foi intensa minha identificação com Mogli, cujas aventuras serviram de ponto de partida para minhas próprias fantasias.

Minha mãe guardava seus livros favoritos em uma estante separada, na sala: Dickens, Trollope e Thackeray, as peças de Bernard Shaw encadernadas em verde-claro e uma coleção completa de Kipling em couro marroquino vermelho. Havia uma bela coleção em três volumes das obras de Shakespeare, um Milton com corte dourado e outros livros, principalmente de poesia, que minha mãe ganhara em prêmios escolares.

Os volumes de medicina ficavam trancados num armário especial na sala que servia como consultório dos meus pais (mas a chave

*image
not
available*

mundo, mas ainda assim havia um senso de comunidade, até de intimidade. A presença física dos livros — seu lugar nas prateleiras, os tomos vizinhos — fazia parte desse companheirismo: manuseá-los, compartilhá-los, passá-los de uma pessoa a outra e até ver os nomes de quem os levara anteriormente e as datas em que foram retirados.

Mas, nos anos 1990, uma mudança estava ocorrendo. Eu continuava a visitar a biblioteca com frequência, sentava-me à mesa diante de uma montanha de livros, porém os estudantes desprezavam as estantes cada vez mais: acessavam pelo computador os textos de que precisavam. Poucos iam até as estantes. No que lhes dizia respeito, os livros eram desnecessários. E, como a maioria dos usuários já não consultava os livros propriamente ditos, a faculdade decidiu, por fim, livrar-se deles.

Eu nem imaginava que isso estava acontecendo, e não só na Einstein, mas nas bibliotecas universitárias e públicas do país todo. Fiquei horrorizado quando há pouco tempo fui a uma e encontrei as prateleiras, antes abarrotadas, agora ocupadas aqui e ali. Ao que parece, nestes últimos anos a maioria dos livros foi descartada, e espantosamente ninguém reclamou. Tive a sensação de que fora cometido um assassinato, um crime: a destruição de séculos de conhecimento. Ao ver minha consternação, um bibliotecário me assegurou de que tudo o que tinha “valor” havia sido digitalizado. Acontece que eu não uso computador e sinto uma tristeza profunda com a perda de livros e até de periódicos encadernados, pois existe algo insubstituível num livro físico: sua aparência, seu cheiro, seu peso. Pensei no quanto a biblioteca outrora tratava com zelo os livros “antigos”, com uma sala especial para os raros, e me lembrei de quando, em 1967, xeretando nas estantes, encontrei uma obra de 1873, *Megrim*, de Edward Liveing, que me inspirou a escrever meu primeiro livro.

*image
not
available*

O espelho à minha frente pareceu mover-se. Não mais do que três ou quatro centímetros, e então parou quieto. [...] Mas o que estava acontecendo agora? [...] Eu não sentia dor de cabeça, nenhum tipo de dor, não estava ouvindo trens, meu coração estava totalmente normal. [...] No entanto, tudo, eu, inclusive, parecia ter perdido o contato com a realidade. As mesas permaneciam em seus lugares de costume, dois homens estavam andando pelo bistrô, e diante de mim eu via o habitual jarro de água e a caixa de fósforo. Porém, de algum modo estranho, assustador, todos haviam se tornado acidentais, como se estivessem ali por puro acaso e pudessem muito bem estar em qualquer outro lugar. [...] E agora toda a maleta de truques começava a rolar solta, como se o chão a meus pés houvesse cedido. Eu queria me segurar em alguma coisa. [...] Não havia ponto fixo em lugar algum. [...] A menos, talvez, que eu conseguisse encontrar algum na minha cabeça. Se conseguisse me apoderar de uma única imagem, memória ou associação, isso me ajudaria a reconhecer a mim mesmo. Até uma palavra poderia servir.

É uma descrição notável de como se sente alguém que viu ruírem os próprios alicerces da percepção, da consciência, do eu — que despencou (talvez apenas por alguns momentos, que podem parecer uma eternidade) no que Proust chamou de “o abismo do não ser” e ansiou desesperadamente por alguma imagem, alguma memória, alguma palavra com a qual puxar-se para fora.

A essa altura, Karinthy começou a perceber que talvez ele tivesse algum problema grave e estranho; cogitou que poderia estar sofrendo convulsões ou prestes a ter um AVC. Nas semanas seguintes, passou a sentir ainda outros sintomas: ânsias de vômito e enjoo, dificuldades no equilíbrio e no andar. Fez o possível para desconsiderar e minimizar tudo isso, mas por fim, preocupado com sua visão que se tornava cada vez mais enevoada, consultou um oftalmologista e enveredou por uma frustrante odisseia médica:

*image
not
available*

talvez já estivesse cego de repente me encheu de terror. O que eu imaginava ver talvez não fosse mais do que o material de que são feitos os sonhos. Talvez só estivesse usando as palavras e vozes das pessoas para reconstruir o mundo perdido da realidade. [...] Estava no limiar entre realidade e imaginação, e começava a duvidar de qual era qual. Meu olho físico e meu olho mental estavam se fundindo em um só.

Quando Karinthy estava prestes a ficar cego para sempre, veio por fim um diagnóstico preciso do tumor, feito pelo eminente neurologista vienense Otto Pötzl, que recomendou uma cirurgia imediata. Karinthy, em companhia de sua mulher, pegou uma série de trens até a Suécia para se consultar com Herbert Olivecrona, aluno de Harvey Cushing e um dos melhores neurocirurgiões do mundo.

O perfil que Karinthy traça de Olivecrona é intensamente perspicaz e irônico, escrito agora em um novo estilo conciso, muito distinto das exuberantes descrições precedentes. A cortesia e circunspeção do discreto neurocirurgião escandinavo são salientadas com delicadeza, em contraste com a emotividade centro-europeia de seu ilustre paciente. Karinthy deixou para trás as ambivalências, negações e desconfianças: por fim encontrara um médico que merecia sua confiança e até afeição.

Olivecrona lhe diz que a operação irá durar muitas horas, mas que ele receberá apenas anestesia local, pois o cérebro não possui nervos sensitivos, não sente dor — e a anestesia geral em uma cirurgia tão prolongada é arriscada demais. E, ele completa, algumas partes do cérebro, embora não sensíveis à dor, podem evocar memórias visuais ou auditivas muito vivas quando estimuladas.

Karinthy descreve a perfuração inicial: